

## **A PERSPECTIVA AMBIENTAL DA IMPRENSA BRASILEIRA: O CASO DA REVISTA *VEJA* NAS DÉCADAS DE 1990 E 2000**

Jefferson Marçal da Rocha<sup>1</sup>, Alexandre Moura Rodrigues<sup>2</sup>, Felipe Ribeiro<sup>3</sup> e Rogério Altamir Silveira Ximes<sup>4</sup>

RESUMO: Este artigo faz uma análise da concepção socioambiental das reportagens de capa da revista *Veja* a partir da década de 1990, quando aconteceu no Brasil a conferência RIO-92. A metodologia utilizada, com base na Análise do Discurso, buscou identificar, nas reportagens de temática ambiental da revista, quais Formações Discursivas (FD) *Veja* apresentou nessas duas décadas - Naturalista, Ecotecnocrática ou Ecosocial. Com os resultados pode-se perceber que não houve uma única posição discursiva dos editores da revista. Constataram-se as três perspectivas de FD consideradas, porém, as que prevaleceram, após a consolidação do termo Desenvolvimento Sustentável na década de 1990, foram as concepções Ecotecnocrática e Ecosocial.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia Ambiental. Jornalismo Ambiental. Análise do Discurso. Formações Discursivas. Mídia. Meio Ambiente.

## **ENVIRONMENTAL PERSPECTIVE OF THE BRAZILIAN PRESS: THE CASE OF *VEJA* MAGAZINE IN THE DECADES OF 1990 AND 2000**

ABSTRACT: This paper analyzes the social and environmental concept of the cover stories of *Veja* magazine from the 1990s decade on, when the conference RIO-92 took place in Brazil. The methodology, based on the Discourse Analysis, tried to identify, in the articles about environmental issues, which Discursive Formations (DF) *Veja* presented in these two decades - Naturalist, Eco-technocratic or Eco-social. Findings show the magazine's editors did not have only one position. The three perspectives of DF considered were observed, however the most prevalent after the consolidation of the term Sustainable Development in the 1990s were the eco-technocratic and Eco-social concepts.

KEYWORDS: Environmental Sociology. Environmental Journalism. Discourse Analysis. Discursive Formations. Medi. Environment.

---

1 Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa (Unipampa): E-mail: jeffersonrocha@unipampa.edu.br

2 Acadêmico do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: alexandremourarodrigues@hotmail.com

3 Acadêmico do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: felipe.ribeiro.ribeiro@hotmail.com

4 Acadêmico do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: rogerioaltamir@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O reconhecimento da insustentabilidade e ou da inadequação econômica, social e ambiental do padrão de desenvolvimento atual foi a premissa para o surgimento, a partir da década de 1980, do que se convencionou chamar de desenvolvimento sustentável.

O desenvolvimento sustentável como conceito ainda é um termo frágil, tanto sob o ponto de vista teórico/conceitual - por ser ainda um termo complexo que envolve as mais diversas ideologias, preposições e áreas de conhecimento - como prático e empírico, pois não há nenhum indício de como incrementar-se na prática um padrão de desenvolvimento que possa ser socialmente justo, economicamente viável e que mantenha as bases ecológicas para a atual e para as futuras gerações.

Isso significa afirmar que, apesar das conferências internacionais, das legislações nacionais e da consciência social sobre a problemática ambiental, o conceito de desenvolvimento sustentável está muito longe de um consenso verdadeiramente aceitável.

Essa discordância em relação ao termo se deve especialmente à “diversidade de interesses ou opiniões” ligados “às diferenças socioeconômicas, políticas e geo-políticas entre grupos sociais, classes, setores empresariais, países e regiões” (AMSTALDEM, 1993, p.50).

Por outro lado, o consenso que parece existir refere-se àquilo que não é sustentável, como a exploração indiscriminada dos recursos naturais, a redução de sua oferta e a degradação dos recursos hídricos, a depleção da camada de ozônio, a perda da biodiversidade das florestas tropicais, a falta de destino adequado para os resíduos etc.

Há também certa unanimidade de que todos esses desgastes são causados pelo modo de produção das sociedades modernas. A lógica capitalista na busca por um melhor desempenho econômico por meio do aumento da produtividade, assim como a ampliação das desigualdades econômica e social, levou a sociedade contemporânea a um dilema entre frear o desenvolvimento ou encontrar novas formas de relação entre o sistema de produção de riquezas, a sociedade e os recursos ecológicos (ROCHA, 2011).

Embora, para a maioria dos estudiosos (especialmente das ciências econômicas) o conceito de desenvolvimento seja claro, e até mesmo possível de ser medido para identificar, ordenar e separar as nações ricas das pobres; para outros, os parâmetros utilizados pela economia são insuficientes para fazer tal medição, principalmente se não for considerada a questão dos desgastes ambientais. Em outras palavras, o conceito desenvolvimento - oriundo das ciências econômicas - não mais comporta as variáveis qualitativas que geralmente refletem níveis de vida das nações.

No contexto socio-econômico-ambiental que emergiu no final do século XX, surgiram diversas propostas que tentam incorporar a questão ambiental no conceito de desenvolvimento e, desse modo, definir um novo paradigma: o de desenvolvimento sustentável.

Sabendo de antemão que não existe ainda um conceito, mas apenas uma “ideia-conceito” de consenso, este estudo enfoca, sob o aspecto teórico norteador em relação ao tema apresentando, algumas considerações do ponto de vista daqueles que acreditam

que o desenvolvimento é uma expressão que contempla, dentre outras questões, inclusão, participação, solidariedade, justiça social, preservação ambiental etc.

O texto está dividido em quatro partes, além desta introdução, das considerações finais e das referências bibliográficas. Na primeira parte faz uma análise dos aspectos conceituais que envolvem o termo desenvolvimento sustentável, na segunda aborda a importância da sociologia ambiental na compreensão do jornalismo ambiental, na terceira trata da metodologia empregada, tanto em relação aos aspectos teóricos conceituais como aos referentes aos procedimentos metodológicos da investigação e na quarta parte, constam os resultados encontrados e suas análises.

## 2 O MEIO AMBIENTE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

No século XX, o desenvolvimento tecnológico da humanidade foi inigualável. Em nenhum outro período histórico foram feitas tantas descobertas, em todos os campos da ciência, gerando uma capacidade de produção e de controle dos elementos naturais sem precedentes. No entanto, também é o período histórico em que o ser humano gerou meios que podem levá-lo à extinção (ROCHA, 2011).

O modelo de desenvolvimento econômico adotado pela sociedade capitalista, desde a revolução industrial, baseia-se na premissa de que a disponibilidade dos recursos naturais e a capacidade do meio ambiente de absorver a poluição gerada pela exploração e pelo uso desses recursos são infinitas.

Após inúmeros sinais de que o meio ambiente não está mais dando conta de processar a carga de poluentes que recebe, nem de fornecer recursos na mesma qualidade de épocas passadas, percebe-se que este modelo é insustentável. Já foi constatado, há no mínimo três décadas, que o avanço econômico dos países do ocidente foi produzido à custa de um preço alto, tanto social como ambiental. A gigantesca oferta de bens e serviços impulsionada por um consumismo inconsequente - inimaginável pelas gerações anteriores - é simplesmente insustentável em termos ambientais (ROCHA, 2011).

A ideia de que os seres humanos vivem num mundo finito, e de que, portanto, existem limites físicos e biológicos que vão contra as práticas humanas, não é nova. A preocupação com a sustentabilidade socioambiental da sociedade moderna, mesmo ainda sem esse rótulo, vem de meados do século XIX. Contudo, foi somente a partir da segunda metade do século XX que teve início o movimento ambientalista global, que conta desde então com inúmeros encontros, conferências, tratados e acordos assinados pelos países do mundo ocidental em especial, além da participação de comunidades locais por meio de ONG's ambientalistas com demandas específicas.

Nos últimos anos, a defesa dos recursos naturais passou a integrar também as perspectivas sociais. Em 1971 na Conferência de Founex (Suíça), foi abordada com mais ênfase, pela primeira vez e em âmbito internacional, a importância de integrar o meio ambiente às estratégias de desenvolvimento. Os efeitos colaterais sobre o meio ambiente provocados pela atividade agrícola foi o primeiro foco desse debate. Logo em seguida, em 1972, aconteceu a famosa Conferência de Estocolmo, a qual havia sido preparada em Founex (ROCHA, 2003).

Nesses dois eventos foram apresentados estudos sobre a realidade dos recursos naturais e, entre os princípios redigidos na Carta de Estocolmo, um chamava a atenção: uma nova postura civilizatória com a necessidade de conservação dos recursos a fim de atender as necessidades tanto das gerações presentes, bem como, para garantir o suprimento das necessidades das gerações futuras. A preocupação com a contaminação ambiental ficou também evidenciada, assim como a importância de instituir programas de conservação para os recursos naturais.

Surgiram preocupações com problemas fundamentais para a manutenção da viabilidade produtiva sustentável, em especial com o fornecimento de energia, pois já se constatava a diminuição da disponibilidade de petróleo (ROCHA, 2003).

Em 1973, Maurice Strong cunhou o termo “ecodesenvolvimento”, cuja concepção apresenta-se como alternativa à política de desenvolvimento (BRÜSEKE, 2001). O termo é considerado por muitos, inclusive pelo próprio Strong, como precursor do termo “sustentabilidade”.

No início da década de 1980, a UICN publicou o documento: Estratégia de Conservação Mundial (World Conservation Strategy). Neste documento consta uma seção intitulada “Em direção ao Desenvolvimento Sustentável” que, para Kirkby et al. apud Marzall (1999) é a primeira vez que o termo sustentabilidade aparece como um objetivo legítimo a ser alcançado.

Em 1983 foi formada a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMDA) que, depois de três anos de trabalho, publicou em 1987 o Relatório Brundtland<sup>5</sup> com o título de “Nosso Futuro Comum”. Essa comissão deteve suas preocupações com a crescente escassez dos recursos naturais e com o aumento da pobreza e da miséria de grande parte da população do mundo. Nesse relatório, se apresentaram pela primeira vez num contexto internacional, propostas de medidas que deveriam ser tomadas pelas nações com o objetivo de reduzir a pobreza e a degradação ambiental (BRÜSEKE, 2001).

Colby apud Marzall (1999) considera que a preocupação com o manejo ambiental, juntamente com o desenvolvimento econômico e social que o Relatório Brundtland enfatiza, não traz nenhuma novidade em relação ao que já tinha sido proposto em Estocolmo. A diferença é que, nessa época, um número maior de nações já incorporou a ideia de que a trajetória produtiva era insustentável. O sentimento de urgência dado a esta constatação passou a fazer parte das estratégias políticas de quase todas as nações.

A constatação é que, a partir do relatório da Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) de 1988, o termo desenvolvimento sustentável disseminou-se. Em outras palavras, seu uso tornou-se corrente, pois passou a ser politicamente correto em todos os aspectos da vida em sociedade, reivindicava-se sustentabilidade, mesmo sem se definir claramente o que isto significa de fato (MARZALL, 1999; ROCHA, 2011).

---

5 Esta denominação se deve ao fato de a Conferência ter sido presidida pela primeira-ministra da Noruega, na ocasião, Sra. Gro Brundtland.

### 3 SOCIOLOGIA AMBIENTAL E A PERSPECTIVA JORNALÍSTICA DO MEIO AMBIENTE

Com o crescente das preocupações ambientais, desenvolveu-se durante a década de 1970 um ramo da sociologia dedicado ao estudo das inter-relações entre sociedade e natureza, a sociologia ambiental.

Ao criticar a sociologia clássica, por esta desconsiderar o papel do meio ambiente na compreensão dos fenômenos sociais, a sociologia ambiental defende como um dos seus eixos centrais, o papel dos fatores físicos e biológicos nas relações sociais, assim como o impacto das organizações sociais e dos processos de transformação social no meio ambiente.

Entre os objetivos das pesquisas em sociologia ambiental destaca-se o conhecimento das diversas interpretações sobre o meio ambiente, pois o principal papel da sociologia ambiental é o de investigar a forma pela qual as práticas sociais acabam criando “males” ambientais. Ou seja, compreender a situação pela qual uma mudança ambiental vem a ser reconhecida como um “mal” ou “perigo” ambiental (LENZI, 2006). Afinal, de que maneira a consciência ambiental foi construída na sociedade capitalista?

No que tange ao reconhecimento público da existência de uma problemática ambiental é preciso considerar a importância do conhecimento científico, assim como a sua divulgação pelos meios de comunicação de massa. E se o reconhecimento público desses problemas é mediado por algum tipo de conhecimento, cabe à sociologia ambiental a análise dos diferentes modos pelos quais o ambiente é percebido e definido pelos grupos sociais.

Assim, sociólogos ambientais deveriam dedicar-se ao estudo das diferentes leituras culturais da natureza, entendendo os diversos modos pelos quais o ambiente é percebido e avaliado pelos grupos sociais, sejam eles sociedades inteiras, comunidades, movimentos sociais, institutos de pesquisa, etc. (LENZI, 2006, p. 40-41).

Partindo-se dessa perspectiva, procuramos aqui estudar como o Meio Ambiente vem sendo tratado pela imprensa brasileira, por meio da análise das reportagens de capa da revista *Veja*<sup>6</sup>.

Sob os moldes da revista americana *Time*, a intenção da *Veja* é ser uma resenha da semana no país e no mundo, com espaço a coberturas exclusivas e destacado viés interpretativo. A revista aborda temas como política, economia, cultura, comportamento, tecnologia, ambiente, religião entre outros. Seus textos são elaborados, em sua maior parte, por jornalistas, apesar de nem todas as seções serem assinadas.

Devido a sua longevidade editorial e influência, estando presente na cobertura jornalística dos mais importantes momentos da história recente do Brasil, a *Veja* chega aos anos 2000 entre as cinco maiores revistas semanais do mundo, com uma tiragem superior a um milhão de exemplares. É a publicação semanal de maior circulação no Brasil, pois

---

6 A revista *Veja* foi criada em 1968, pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta, sendo desde então publicada pela Editora Abril. Foi criada num contexto de repressão e censura pela ditadura militar brasileira, sofrendo a princípio várias dificuldades de circulação, tanto que só foi alcançar definitivamente a estabilidade a partir de meados dos anos de 1970.

além dos milhares de assinantes é vendida nos mais diversos lugares, como em bancas, supermercados etc. (AUGUSTI, 2005).

É nesse contexto que a revista *Veja* representa um importante veículo da imprensa nacional, com slogans como: “VEJA, indispensável para o país que queremos ser”. Assim, consideramos que o estudo e análise do discurso ambiental presente na revista possibilite vislumbrar a perspectiva ambiental de uma parte importante da imprensa brasileira.

Considera-se como fundamental o papel do jornalismo na divulgação das questões relevantes à sociedade, tendo em vista que ele conforma a realidade, seja por meio da seleção de pautas e enfoques ou do modo de tornar esse conhecimento social um discurso inteligível (LOOSE, 2010).

O jornalismo tem a função social de contribuir para a informação e formação sobre os temas ambientais e deve ser usado como instrumento de pressão para que os demais atores sociais envolvidos na construção dos problemas ambientais, como empresas e poder público, atuem adequadamente na arena política, cumprindo a legislação e assumindo responsabilidade na resolução de questões relacionadas ao meio ambiente. Considera-se que a mídia pode contribuir para uma adequada comunicação dos riscos ambientais, sem causar alarde nem gerar ruídos em comunicações sensacionalistas (VIANNA; MARCATTO; GÜNTHER, 2010).

Mas, apesar de sua relevância social, os meios de comunicação enfrentam uma série de desafios internos que podem comprometer a boa cobertura das questões ambientais, por exemplo: a adequação do conteúdo ao formato de notícia ou o foco em catástrofes sem recorrer ao sensacionalismo (VIANNA; MARCATTO; GÜNTHER, 2010). Os jornalistas especializados na cobertura ambiental devem estar conscientes de que a construção da notícia sobre meio ambiente exige uma dupla responsabilidade, porque além dos cuidados para revelar o fato de forma plural, objetiva e comprometida com a verdade, a informação ambiental pode afetar diretamente o presente e o futuro da humanidade (LOOSE, 2010).

Nesse sentido uma vertente do jornalismo ligada à temática ambiental que vem se consolidando nos últimos anos como uma importante tendência da imprensa mundial é o denominado jornalismo ambiental (BENETTI, 2007).

Associado à própria evolução histórica da problemática ambiental, o jornalismo ambiental assume um caráter pró-ativo, consciente de sua relevância para a difusão de temas complexos e da análise de suas implicações políticas, sociais, culturais e éticas. Ou seja, o jornalismo ambiental vai além do mero jornalismo dedicado à cobertura da temática ambiental, trazendo em si os sentidos de coletividade, qualidade de vida e sustentabilidade (LOOSE, 2010).

[...] mais que ser persistente nas investigações, levar em consideração o cidadão e trazer para o leitor a contextualização de forma clara e compreensível, o que está em jogo no fazer do jornalista ambiental são as lentes pelas quais ele vê o mundo. Para tornar possíveis os pressupostos de construir uma informação ambiental qualificada, a forma de enxergar as

articulações da imensa e complexa teia social da qual fazemos parte precisa ser holística<sup>7</sup>. Os fragmentos devem ser costurados a fim de tornar visível aos leitores os interesses que estão por trás de cada empreendimento, fenômeno, reunião, ato político, etc. (LOOSE, 2010).

O jornalismo ambiental, quando exercido com responsabilidade, toma para si, enquanto importante ator social, a responsabilidade de construção, por meio da informação ambiental, de um contexto social propício para o desenvolvimento de uma sociedade sustentável.

Cabe agora entender os meios e estratégias utilizados pela revista *Veja* na construção da informação ambiental, avaliando os discursos gerados nesse processo de formação crítica da revista em relação aos problemas ambientais contemporâneos. Nesse sentido, Bardin (2006) salienta que a Análise do Discurso é muito utilizada, para analisar textos da mídia e as ideologias que os engendram.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Análise do Discurso

Esta pesquisa se utilizará da análise de discurso para interpretação dos dados e como fundamento teórico das formações discursivas.

A Análise do Discurso, prática de um campo da linguística e da comunicação, especializada em analisar construções ideológicas presentes em um texto, teve sua origem na França no final da década de 1960. Seu objeto de estudo é o discurso presente na fala e na escrita, levando-se em conta, entre outros aspectos, o contexto político da época, a representatividade e a ideologia de quem discursa.

Michel Pêcheux lançou, em 1969, a obra “Análise automática do discurso” que, para a maioria dos estudiosos, representa o princípio teórico da análise do discurso. “Pela primeira vez na história, a totalidade dos enunciados de uma sociedade, apreendida na multiplicidade de seus gêneros, é convocada a se tornar objeto de estudo” (CHARAUDEAU apud CARNEIRO; CARNEIRO, 2007, p. 78.).

O discurso pode ser definido com a prática social de produção e transmissão de textos. Isso significa que todo discurso é uma construção social e que só pode ser analisado considerando-se seu contexto histórico-social e suas condições de produção. Isso significa ainda, que o discurso reflete uma visão de mundo determinada e que necessariamente está vinculada à do(s) seu(s) autor(es) e à sociedade em que vive(m). Nesse contexto não há imparcialidade, todo discurso é o reflexo de um interesse especial.

O texto é o produto da atividade discursiva, sendo o objeto empírico da análise do discurso, ou seja, a construção sobre a qual se debruça o analista para buscar, em sua superfície, as marcas que guiam a investigação científica. O discurso diferencia-se tanto da língua, quanto da fala. Não é a mesma coisa que transmissão de informação, nem é um

---

7 A visão holística (do grego *holos*, todo) pressupõe a compreensão da realidade em totalidades integradas. É também conhecida por não reducionismo, por ser o oposto do reducionismo.



simples ato do dizer. O discurso evoca uma exterioridade de linguagem - a ideológica e a social.

Para Paveau (2006 apud CARNEIRO; CARNEIRO, 2007), a Análise do Discurso é “a disciplina que estuda as produções verbais no interior de suas condições sociais de produção”. Já para Orlandi(2005), “A análise do discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”.

Orlandi(2005) admite que na análise de discurso deve-se procurar compreender não só a língua enquanto símbolo, mas também como parte constitutiva do homem e sua história, pois:

De uma maneira geral, esta é definida como uma prática e um campo da lingüística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas existentes, por exemplo, em textos da mídia. Como a ideologia se materializa na linguagem, fazendo parte de seu funcionamento, através da análise de discursos podemos compreendê-la em seu funcionamento imaginário e materialmente articulado ao inconsciente pelo fato mesmo de pensá-la fazendo intervir a noção de discurso (ORLANDI, 2005).

Foi Pêcheux quem primeiro formulou a ideia de que o sujeito é interpelado pela ideologia que o constitui, mostrando que, ao enunciar, todo sujeito fala a partir de uma *Formação Discursiva* (FD) e esse posicionamento acaba por constituir no sujeito uma identidade enunciativa (CARVALHO, 2008). Nesse sentido, o conceito de formação discursiva está intimamente relacionado com a noção de formação ideológica. Assim, entendemos por FD aquilo que, a partir de determinada formação ideológica, isto é, a partir de uma posição dada em determinado contexto, determina o que pode e o que deve ser dito.

Considerando que, quem discursa pretende marcar uma posição ou participar de um debate mais amplo na sociedade. Deve considerar que:

[...] todo e qualquer discurso carrega consigo uma possibilidade de sentidos. O discurso jornalístico, por mais que busque ser objetivo, não é diferente. Em cada reportagem, matéria ou nota, estão intrínsecos determinados sentidos, ali postos em função da ideologia que domina o sujeito produtor do discurso (LOOSE; GIRARDI, 2010).

As notícias jornalísticas, sob uma aparente neutralidade, trazem implícitas, intencionalmente ou não, as FDs de um determinado grupo social. Uma mudança de discurso ao longo do tempo também pode acompanhar o que é ou não aceito pela sociedade em dada época, o que se podia falar nos anos 1990 sobre o meio ambiente, por exemplo, pode ser totalmente inaceitável na época atual. É nesse sentido que utilizaremos a Análise de Discurso neste artigo. Pois, considera-se que “o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso, a ocupar um lugar em determinada formação social e enunciar o que é possível a partir do lugar que ocupa” (MUSSALIN apud MATA, 2009).



#### 4.2 Aspectos da formação discursiva considerados

Para a realização deste trabalho, detivemo-nos nas perspectivas teóricas que consideram a problemática ambiental como sendo uma questão social, política e econômica e não meramente um problema ecológico por si só.

A partir das interpretações propostas, com base em estudos sobre a problemática ambiental, definimos três aspectos de onde partem os sentidos do discurso, ou seja, suas formações discursivas (FDs), instituídas a partir de uma formação ideológica (Fid). Assim, os resultados das análises das reportagens de capa da *Veja*, foram classificadas segundo os fundamentos discursivos denominados: Ecosocial, Ecotecnocrático e Naturalista (LOOSE, 2010).

A FD Ecosocial apresenta um discurso voltado para as relações entre homem e natureza, caracterizando-se por um viés humanista e holístico refletindo sobre as interações humanas com um ambiente complexo e integrado com o cotidiano do homem contemporâneo. A formação ideológica que a circunscreve é que a Terra é um bem de todos.

Na FD Ecotecnocrática, o meio ambiente é visto como fonte para o desenvolvimento econômico. O discurso neste caso tem por objetivo aumentar o poder econômico das nações, tendo a natureza como principal matéria-prima. Seu argumento em benefício do meio ambiente ressalta a eficiência da tecnologia. A concepção é que os avanços tecnológicos resolverão os problemas decorrentes de nossa opção de vida. Sob essa FD, o que é rentável possui mais poder de decisão. A formação ideológica que a circunscreve é a do crescimento econômico.

A FD Naturalista está baseada numa visão tradicional de meio ambiente enquanto objeto simbólico. Essa FD ignora as variáveis sociais do ambiente, considerando apenas o que se refere às relações entre flora e fauna, com destaque para curiosidades e modos de vida dos animais e plantas. Trata-se de uma visão protecionista em relação ao meio ambiente, que deve ser preservado independente das circunstâncias sociais. A formação ideológica que a circunscreve é a de “natureza intocada”.

#### 4.3 Procedimentos de Análise

As análises foram realizadas entre os meses de outubro de 2010 a janeiro de 2011, a partir das edições da revista *Veja* disponíveis de forma digitalizada na página *web* da revista<sup>8</sup>, levando-se em conta apenas as reportagens de capa. Num primeiro momento cada pesquisador individualmente fez suas análises, seguindo os critérios teóricos já discutidos entre o grupo (referencial teórico, formas discursivas e formação ideológica).

Após as análises individuais das reportagens de capa, em reuniões de trabalho, cada pesquisador relatou suas análises que foram discutidas e sintetizadas de forma coletiva.

---

8 A partir de 2009 a revista *Veja* liberou o acesso de forma digitalizada a todas as suas edições, em um projeto em parceria com o Banco Bradesco.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na análise das capas das revistas a partir de 1992 verificou-se que houve 23 capas da *Veja* que, de alguma forma, remetiam a uma ou mais questões socioambientais entre os anos de 1992 a 2009. Nesta avaliação 11 capas são da década de 1990 e 12 da década de 2000, listadas na Tabela 1, já considerando a FD a que cada uma foi incorporada.

TABELA 1 - Revistas *Veja* a partir do ano de 1992 a 2009 que trazem reportagens de capa voltadas ao meio ambiente e suas respectivas Formações Discursivas

Ano	Edição	Data	Reportagem de Capa	Formação Discursiva
1992	1221	12/fev	Garimpeiros na Amazônia	Ecossocial
1992	1231	22/abr	A grande briga da Eco 92	Ecotecnocrática
1992	1237	03/jun	O mundo se encontra no rio	Ecotecnocrática
1993	1281	31/mar	Curitiba, a cidade modelo de um Brasil viável	Ecotecnocrática - Ecossocial
1994	1369	07/dez	Santuários ecológicos	Naturalista - Ecotecnocrática
1995	1417	08/nov	Ataque à floresta	Ecotecnocrática - Ecossocial
1997	1516	10/out	A fúria do El Nino	Ecossocial
1999	1580	13/jan	Assalto à Amazônia	Ecossocial
1999	1592	07/abr	O massacre da moto-serra	Ecotecnocrática - Ecossocial
1999	1600	02/jun	A descoberta do paraíso	Naturalista - Ecotecnocrática
1999	1604	30/jun	Xingu	Naturalista - Ecossocial
2000	1676	22/nov	Amazônia até quando?	Ecotecnocrática - Ecossocial
2001	1696	18/abr	A vingança da natureza	Ecotecnocrática - Ecossocial
2003	1826	29/out	Transgênicos o medo do novo	Ecossocial
2005	1908	08/jun	Amazônia à venda	Ecossocial
2005	1926	21/out	A terra no limite	Ecotecnocrática - Ecossocial
2006	1961	21/jun	Aquecimento global	Ecossocial
2006	1989	30/dez	Alerta global	Ecotecnocrática - Ecossocial
2007	2003	11/abr	O alerta dos pólos	Ecossocial
2007	2031	24/out	Salvar a Terra	Ecossocial
2008	2053	26/mar	Especial Amazônia	Ecotecnocrática
2009	2143	16/dez	Estamos devorando o planeta	Ecotecnocrática - Ecossocial
2009	2145	30/dez	O ano zero da economia sustentável	Ecotecnocrática

Fonte: Dados de pesquisa, 2011.

Pelas análises realizadas, constatou-se que em muitas edições na mesma reportagem a revista adotou uma postura que se enquadrava em mais de uma FD. Geralmente apareceram com mais frequência em uma mesma reportagem, concomitantemente as posturas Ecosocial e Ecotecnocrática. Estas duas posturas, apesar de diferenciarem-se quanto à forma, no sentido das reportagens jornalísticas da *Veja*, elas muitas vezes se confundiam. Com isso após as análises em conjunto dos pesquisadores, optou-se por caracterizar algumas destas reportagens em duas FD.

Um exemplo deste caso é a Edição 1417 do ano de 1995, “Ataque à Floresta”. A reportagem denuncia as queimadas e desmatamentos promovidos para fins agrícolas, pecuária extensiva ou extração de madeira em plena floresta amazônica. A princípio, apresenta-se uma formação discursiva Ecosocial, considerando as questões socioambientais ligadas ao desmatamento da floresta, como os planos de incentivo à ocupação da Amazônia herdados da ditadura militar, a estabilização da economia brasileira com o plano real ou a falta de fiscalização por parte do governo.

Todos os dias, entre quatro e cinco famílias de novos colonos chegam de Rondônia, do Paraná ou do Rio Grande do Sul, para abrir novas lavouras na floresta. Cada família ganha um lote de 60 hectares do INCRA, no qual a principal providência é derrubar o mato e tocar fogo (REVISTA VEJA - edição 1417, p. 192).

Consideradas essas questões, a matéria adota também um viés Ecotecnocrático, destacando como a floresta amazônica possui enorme valor por sua diversidade biológica e precisa ser explorada de maneira sustentável aliando desenvolvimento econômico à preservação ambiental. A valorização econômica dos recursos naturais é tema recorrente do discurso Ecotecnocrático.

Outro exemplo de FD Ecosocial e Ecotecnocrática mais recente é a edição nº 1989 de 2006, e sua reportagem sobre o “Alerta Global”. A abordagem Ecosocial da reportagem trata dos efeitos do aquecimento global sobre a sociedade: “Como uma praga apocalíptica, as mudanças climáticas já afetam o cotidiano de bilhões de pessoas de forma impossível de ser ignorada” (REVISTA VEJA, 2006, edição 1989, p.139). Porém, na mesma reportagem apresentam-se soluções Ecotecnocráticas para amenizar os efeitos do aquecimento global. Pois, segundo a reportagem, embora quase todas as soluções propostas sejam de longo prazo e com custo alto, elas visam não apenas salvar o planeta, mas também salvar a economia das nações.

As soluções globais foram projetadas, para teoricamente entrar em cena caso se chegue ao que os cientistas chamam de *tipping point* - o momento em que se torna impossível reverter à dinâmica interna da natureza alterada pela ação humana (REVISTA VEJA, 2006, edição 1989, p. 148).

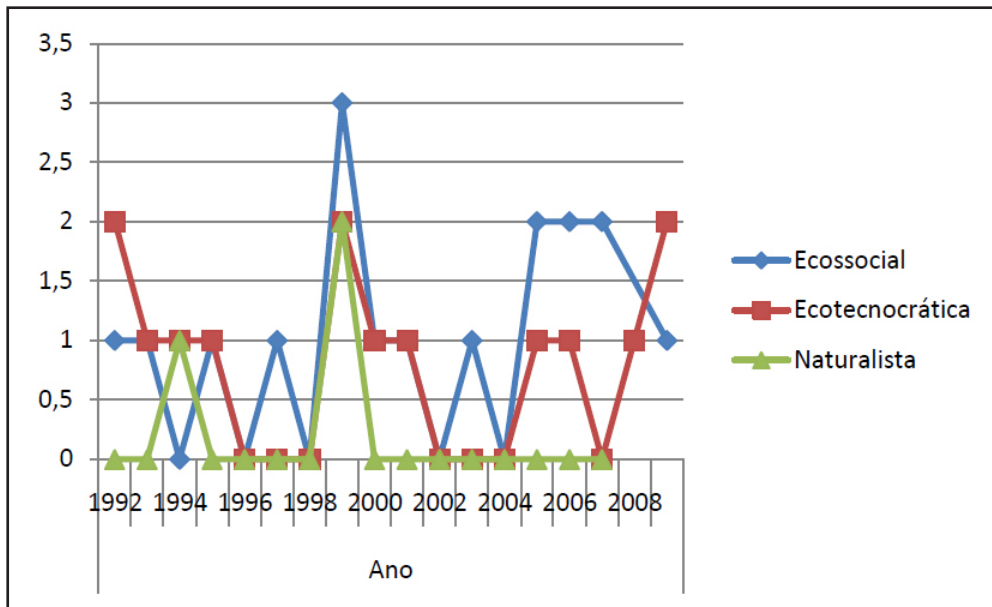
A reportagem de capa da Edição 1604 de 1999, que destaca o importante papel que índios de diversas etnias desempenham na preservação do Parque Nacional do Xingu, apresenta uma FD Naturalista baseada no conceito de natureza intocada. “O Parque Nacional do Xingu sobrevive milagrosamente sem poluição com sua fauna e flora intocadas” (REVISTA VEJA, 1999, edição 1604, p. 130). Porém, a reportagem explora também

o cotidiano do índio que, longe da visão idílica do bom selvagem, convive, segundo a revista, com os adventos da civilização moderna, caracterizando-se uma reportagem de FD Naturalista e Ecossocial.

A nova geração xinguana aprende a preservar a natureza mantendo a identidade. Inevitavelmente, convive com sandálias havaianas, pilhas, lanternas, calções de brim, camisas do Flamengo e Palmeiras e até mesmo clones de tênis usados na orla carioca ou nas ruas de São Paulo. Barcos de alumínio impulsionados por motores de popa de 25 cavalos, rádios, poucos aparelhos de televisão com antenas parabólicas, movidas à bateria solar quebram o silêncio e completam as concessões ao modernismo (REVISTA VEJA - edição 1604, p. 133).

A Figura 1, logo a seguir, ilustra bem o fato de que a revista teve uma relativa mudança de abordagens ambientais entre as duas décadas avaliadas, sendo que na década de 1990 a postura naturalista apareceu em apenas três edições, mesmo em uma época em que movimento ambientalista mostrava-se mais radical frente à manutenção dos estoques naturais do país. Nesse sentido, a FD Naturalista presente nas reportagens geralmente evidenciava as belezas naturais de nosso país, com seu vasto território e grande diversidade de fauna e flora.

FIGURA 1 - Trajetória da Revista Veja nas décadas de 1990/2000 segundo a Formação Discursiva Considerada



Fonte: Dados de pesquisa, 2011

Na análise gráfica percebe-se que a postura Naturalista teve certa frequência apenas na década de 1990, já a postura Ecotecnocrática aparece nas duas décadas. A postura

Ecosocial, apesar de já aparecer na década de 1990, se tornou mais frequente na década de 2000. Isso revela uma mudança de discurso da *Veja*, agora ligada a uma tendência de um novo movimento ambientalista em âmbito mundial, este não só comprometido com os impactos ecológicos, mas também com a lógica de reprodução e manutenção do sistema de produção de riquezas capitalista, que não pode ser comprometida com propostas preservacionistas que comprometem a dinâmica de reprodução do capital.

Por essas análises, percebe-se que a Revista *Veja* manteve uma posição baseada na tendência de política ambiental que configurou o movimento socioambiental a partir da Conferência ECO-92, onde o discurso da política ambiental passou a estar vinculado à lógica da manutenção do *status quo* do sistema de produção de riquezas, ou seja, fazer sustentável o próprio desenvolvimento econômico capitalista. De outra forma, legitimar o termo desenvolvimento sustentável.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões ambientais contemporâneas já há alguns anos saíram dos debates exclusivamente científicos e passaram a fazer parte das discussões da sociedade como um todo. Nesse aspecto, as abordagens jornalísticas do tema já se tornaram frequentes. Assim, a análise realizada nas edições *on-line* da Revista *Veja* permitiram diagnosticar como as questões socioambientais foram tratadas em diferentes épocas da história recente do país e do mundo, pois vários aspectos de formações discursivas representam uma abordagem alinhada com a conotação ideológica que representa uma postura jornalística identificada com grupos sociais, políticas, econômicos etc.

Todo e qualquer discurso traz consigo um sentido. O discurso jornalístico não é diferente. Em cada reportagem, matéria ou nota, estão intrínsecos determinados sentidos, ali postos em função da ideologia que domina o sujeito produtor do discurso (LOOSE, 2010).

Nesse aspecto, nenhum sentido nasce sozinho. Os sentidos também não são imutáveis, pois se modificam segundo contextos sociais e políticos. O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, só pode ser constituído em referência às condições de produção de um determinado enunciado, uma vez que muda de acordo com a formação ideológica de quem o (re)produz, bem como de quem o interpreta, neste caso o leitor.

O sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, pois é resultado de uma possível transparência da língua, porém está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social.

Vale destacar que, nas duas últimas décadas, o axiomático termo desenvolvimento sustentável passou a ser utilizado como um termo aparentemente conclusivo sobre a problemática ambiental, o que levou a sociedade, de um modo geral, a ter uma falsa noção de que se poderia fazer sustentável o mesmo processo de desenvolvimento baseado na produção de riquezas e exploração, agora adjetivada de sustentável, dos recursos naturais (ROCHA, 2011).

O discurso jornalístico seguiu essa postura, já não cabia mais o radicalismo naturalista presente entre as décadas de 1960 e 1970, pois o novo ambientalismo, que abarca vários

movimentos, ao mesmo tempo em que alguns passaram a incorporar a problemática socioambiental nas suas reivindicações, outros cederam a posturas mais permissivas em relação a processos produtivos, autodenominados sustentáveis.

Pode-se notar que a trajetória jornalística da *Veja* nessas duas décadas teve uma tendência mais ligada aos discursos Ecotecnocráticos e Ecosocias, isso porque foi a partir da década de 1990 que as causas ambientais passaram a ser percebidas como causas sociais. Especialmente após a consolidação do termo desenvolvimento sustentável, como um objetivo a ser perseguido, mesmo sem uma definição clara do que isto possa significar.

## REFERÊNCIAS

- A DESCOBERTA do paraíso. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 32 , nº 1600, 02 jun. 1999, p. 86-94.
- A FÚRIA do El Nino. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 30 , nº 1516, 10 out. 1997, p. 102-108.
- A GRANDE briga da Eco 92. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 25 , nº 1231, 22 abr. 1992, p. 56-71.
- A TERRA no limite. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 38, nº 1926, 21 out. 2005, p. 84-92.
- A VINGANÇA da natureza. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 34, nº 1696, 18 abr. 2001, p. 92-101.
- ALERTA global. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 39, nº 1989, 30 dez. 2006, p. 138-149.
- ALMSTALDEN, Luis Fernando S. Desenvolvimento sustentável e pós modernidade. In: RODRIGUES, Arlete Moysés (Org.) **Desenvolvimento sustentável: teorias, debates, aplicabilidades**. Campinas: Unicamp (Textos Didáticos, n. 23) 1993.
- AMAZÔNIA à venda. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 38, nº 1908, 08 jun. 2005, p. 118-128.
- AMAZÔNIA até quando. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 33, nº 1676, 22 nov. 2000, p. 66-73.
- AQUECIMENTO global. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 39, nº 1961, 21 jun. 2006, p. 68-83.
- ASSALTO à Amazônia. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 32 , nº 1580, 13 jan. 1999, p. 28-35.

ATAQUE à floresta. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 28 , nº 1417, 08 nov. 1995, p. 90-97.

AUGUSTI, Alexandre Rossato. **Jornalismo e comportamento**: os valores presentes no discurso da revista *Veja*. 2005. 181 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2005. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ARCO-7F2RJQ/1/frederico\\_zeymerfcarvalho\\_tese.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ARCO-7F2RJQ/1/frederico_zeymerfcarvalho_tese.pdf)>. Acesso em: 31 de Março de 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Lisboa Edições 70, 2006.

BENETTI, Márcia. **A Ironia como estratégia discursiva da Revista Veja**. Revista *Líbero*. Ano 10, n. 20, p. 37-46, 2007.

BRANQUINHO, Fátima; FELZENSZWALB, Israel (Org.). **Meio ambiente**: experiências em pesquisa multidisciplinar e formação de pesquisadores. Rio de Janeiro - RJ: Mauad X, 2007.

BRÜSEKE. Pressão modernizante, Estado territorial e sustentabilidade. In: CAVALCANTE, C. **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2001

CARNEIRO, Eduardo de A. **Análise do discurso**: notas introdutórias. 2008. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/4298842/ANALISE-DO-DISCURSO-notas-introdutorias>>. Acesso em: 31 março 2011.

CARNEIRO, Eduardo de A; CARNEIRO, Egina C. A. R. **Notas Introdutórias Sobre a Análise do Discurso**. 2007. Disponível em: <<http://introadiscurso.wordpress.com/2010/04/22/notas-introdutorias-sobre-a-analise-do-discurso-duplipensar-net/>>. Acesso em: 31 de Março de 2011.

CARVALHO, Frederico ZeymerFeu de. **O sujeito no discurso**: Pêcheux e Lacan. 2008. 265 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ARCO-7F2RJQ/1/frederico\\_zeymerfcarvalho\\_tese.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ARCO-7F2RJQ/1/frederico_zeymerfcarvalho_tese.pdf)>. Acesso em: 31 de Março de 2011.

CURITIBA, a cidade modelo de um Brasil viável. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 26 , nº 1281, 31 mar. 1993, p. 68-75.

ESPECIAL Amazônia. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 41, nº 2053, 26 mar. 2008, p. 94-108.

ESTAMOS devorando o planeta. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 42, nº 2143, 16 dez. 2009, p. 132-146.



GARIMPEIROS. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 25 ,nº 1221, 12 fev. 1992, p. 34-41.

LE PRESTRE, P. **Ecopolítica Internacional**. São Paulo: Senac, 2000.

LENZI, Cristiano L. **Sociologia Ambiental: risco e sustentabilidade na modernidade**. : EDUSC, 2006

LOOSE, Eloisa B. **Jornalismo ambiental em revista: das estratégias aos sentidos**. 2010. 156 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/21591/000738061.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 março 2011.

LOOSE, Eloisa B.; GIRARDI, Ilza Maria T. **Os Sentidos e Estratégias dos Discursos das Revistas Ambientais**. In: V ENANPPAS - Encontro Nacional da Anppas, 4 a 7 de outubro de 2010, Florianópolis - SC. 2010. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT8-245-152-20100903215840.pdf>>. Acesso em: 09 de Março de 2011.

MARZALL, K. **Indicadores de sustentabilidade para agroecossistemas**. Dissertação (Mestrado em fitotecnia) - UFRGS. Porto Alegre, 1999.

MATA, Mário J. P. **Uma leitura sobre o sentido de violência através da análise do discurso**. Anais do CNLF , Vol. XIII, Nº 04, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII\\_CNLF\\_04/tomo\\_3/uma\\_leitura\\_sobre\\_o\\_sentido\\_de\\_violencia\\_atraves\\_MARIO.pdf](http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/tomo_3/uma_leitura_sobre_o_sentido_de_violencia_atraves_MARIO.pdf)>. Acesso em: 31 março 2011.

O ALERTA dos pólos. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 40, nº 2003, 11 abr. 2007, p. 78-95.

O ANO zero da economia sustentável. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 42, nº 2145, 30 dez. 2009, p. 215-256.

O MASSACRE da moto-serra. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 32 , nº 1592, 07 abr. 1999, p. 108-115.

O MUNDO se encontra no rio. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 25 , nº 1237, 03 jun. 1992, p.52-101.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2005.

ROCHA, Jefferson M. **Sustentabilidade em questão: economia, sociedade e meio ambiente**. Jundiaí-SP: Paco editorial, 2011.

\_\_\_\_\_. Política Internacional para o meio ambiente: avanços e entraves pós conferência de Estocolmo. **Revista do Centro de Ciências Administrativas**, Fortaleza - Ce, v. 9, n. 2, p. 229-240, 2003.

SALVAR a Terra. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 40, nº 2031, 24 out. 2007, p. 86-96.

SANTUÁRIOS ecológicos. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 27 , nº 1369, 07 dez. 1994, p. 88-109.

TRANSGÊNICOS o medo do novo. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 36, nº 1826, 29 out. 2003, p. 92-103.

VIANNA, M. D. A.; MARCATTO, F. S.; GÜNTHER, W. M. R. **Mídia e meio ambiente**: a contaminação do solo pela Shell, na Vila Carioca, em São Paulo, sob a ótica da Folha de S. Paulo. In: V ENANPPAS - Encontro Nacional da Anppas, 4 a 7 de outubro de 2010, Florianópolis - SC. 2010. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT8-509-462-20100903235337.pdf>>. Acesso em: 09 março 2011.

XINGU. Revista *Veja*, São Paulo: Abril, ano 32 , nº 1604, 30 jun. 1999, p. 130-143.

